

Eça: Fradique, Ramires e outros viajantes de papel

Paulo Motta Oliveira *

Abstract

This essay intends to analyze some important travels in Eça de Queirós' works. Traveling from his earliest books – like *O Crime do Padre Amaro* and *O Primo Basílio* – to his last novels, specially *A Ilustre Casa de Ramires* and *A Cidade e as Serras*, we will try to map some routes of the Queirós' characters.

Key words: Travels, Portugal, Eça de Queirós

H

obsbawm, ao tecer considerações sobre os desdobramentos da revolução industrial, afirma:

Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nenhuma outra inovação [...] incendiou tanto a imaginação quanto a ferrovia, como testemunha o fato de ter sido o único produto da industrialização do século XIX totalmente absorvido pela imagística da poesia erudita e popular [...]. Indubitavelmente, a razão é que nenhuma outra invenção revelava para o leigo de forma tão cabal o poder e a velocidade da nova era [...]. A estrada de ferro, arrastando a sua enorme serpente emplumada de fumaça, à velocidade do vento, através de países e continentes, com suas obras de engenharia, estações e pontes formando um conjunto de construções que fazia as pirâmides do Egito e os aquedutos romanos e até mesmo a Grande Muralha da China empalidecerem de provincianismo, era o próprio símbolo do triunfo do homem pela tecnologia.¹

O impacto das estradas de ferro foi grande também em Portugal, apesar de elas terem demorado um pouco para lá chegar. Em 1856 o país possuía apenas 36 Km dessas estradas, mas em 1864 já existiam cerca de 720 Km². Por esses dados podemos verificar que a geração de Eça – que estava a estudar em Coimbra justamente nos anos sessenta – foi a primeira que, nesse extremo ocidental da Europa, viveu o impacto da construção de um meio de transporte rápido, ligando Portugal às principais capitais européias. Mas não eram apenas as estradas de ferro que geravam maiores possibilidades de deslocamento: também as estradas macadamizadas se multiplicavam, o transporte marítimo tornava-se mais seguro e rápido. O século XIX foi, com certeza – em especial na sua segunda metade – o século da facilitação das viagens. Só muito depois, com o advento das viagens aéreas, teríamos um outro salto qualitativo tão importante no encurtamento das distâncias.

São raros os exemplos de obras da literatura portuguesa em que os caminhos de ferro chegam a ocupar um papel central, à semelhança do famoso *A Besta Humana* de Zola³. Porém, também nessa literatura os caminhos de ferro estão, de outras formas, presentes. Podemos supor que essa rapidez nos transportes é um dos motivos para a presença marcante das viagens nas obras de Eça. E, devemos considerar, a própria vida desse autor não deixa de ser um exemplo dessas possibilidades de deslocamento: ele viveu em Cuba, na Inglaterra e na França; e fez ainda viagens a outros países, das quais a mais famosa é, provavelmente, a que realizou ao Egito. Nos livros de Eça, a viagem é um tema freqüente e, muitas vezes, central. Das paradigmáticas jornadas de Raposão, Jacinto e Ramires – todas elas, em certo sentido, iniciáticas, pois alteram de forma radical as vidas desses personagens –, ao constante viajar de Fradique, estamos diante de várias manifestações de um deslocamento ficcional que atravessa múltiplos países e distintas culturas.

O que pretendemos aqui é justamente refletir um pouco sobre esse tópico, particularmente interessante quando se inaugura uma exposição que

1 HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções* (1789-1848). São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 61.

2 Cf. MARQUES, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Palas Editores, 1986. v.3, p.90.

3 Uma exceção importante é a "Comédia em três actos" *Os Velhos*, "Encenada pela primeira vez no Teatro de D. Maria II em 11 de março de 1893" (CAMARA, João da. *Os Velhos*. Lisboa: M. Gomes Editor, 1893. p.3). Mas, mesmo nessa peça, o principal tema é o impacto da chegada, numa pequena aldeia, Santo Antonio das Areias, da estrada de ferro, e não propriamente os caminhos de ferro já em pleno funcionamento, como no livro de Zola.

demonstra que ainda hoje, um século depois da morte de seu autor, a obra de Eça continua a viajar pelos caminhos da cultura, em especial pelas múltiplas vias de trocas simbólicas entre os países da comunidade lusófona⁴. Vamos, de forma bastante rápida, falar de algumas viagens presentes na produção romanesca do autor de *Os Maias*, para depois centrarmos nossa atenção em algumas viagens especiais, presentes nas obras finais desse autor.

Já no primeiro capítulo de seu primeiro livro importante – *O Crime do Padre Amaro* – temos a cidade de Leiria a esperar a vinda do padre Amaro Vieira, que fora nomeado pároco da cidade. E o segundo capítulo começará justamente por essa espera:

*Uma semana depois soube-se que o novo pároco devia chegar pela diligência de Chão de Maças, que traz o correio à tarde; e desde as seis horas o cônego Dias e o coadjutor passeavam no largo do Chafariz, à espera de Amaro.*⁵

Mas, se já nesse romance é uma viagem que traz o protagonista, esse tema ainda possui, aqui, um interesse secundário. Praticamente toda a narrativa ocorre em Leiria ou em seus arredores, e as viagens que no livro acontecem, são em geral breves, ou são trajetos que ficam no restrito circuito Lisboa-Leiria, como ocorre com o malfadado noivo de Amélia, João Eduardo.

Será em seu segundo livro, *O Primo Basílio*, que o papel da viagem virá para primeiro plano, e em que veremos presentes alguns dos pontos básicos que caracterizam o *viajar* nos livros ecianos.

Notemos, de início, que toda a trama do livro surge graças a uma dupla viagem, já explicitada nas primeiras páginas do romance. Nelas ficamos a saber que Jorge “no dia seguinte devia partir para Beja, para Évora, mais o Sul até S. Domingos”⁶, deixando sua esposa, Luísa, sozinha. Pouco depois, através de uma notícia lida por Luísa, descobrimos que “Deve chegar de Bordéus, o sr. Basílio de Brito [...] que, como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho, [e] anda viajando pela Europa desde o começo do ano”.⁷ É, como sabemos, graças à partida de Jorge, e ao regresso de Basílio, primo e antigo namorado de Luísa, que toda a trama do livro poderá ocorrer. Trama que, devemos notar, situa-se justamente *entre viagens*: o livro se abre com a preparação da viagem de Jorge, e se fecha com o novo retorno de Basílio a Portugal. Entre a partida do marido e o segundo retorno do primo desenvolvem-se todas as cenas *do crime* dos amantes, *do castigo* da Luísa e da *impunidade* de Basílio, que só lamenta o fato de não ter sabido, com antecedência, da morte de sua prima, pois, se o soubesse, “Podia ter trazido a Alphonsine”⁸.

Uma importância tão grande da viagem, enquanto tema gerador da economia narrativa, voltaria a ocorrer em *Os Maias*, livro sobre o qual já

4 Este texto foi originalmente apresentado, em 28 de novembro de 2000 no Centro de Estudos Murilo Mendes, quando da abertura da exposição “Eça de Queirós: Marcos Biográficos e Literários”.

5 QUEIROZ, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. Porto: Lello & Irmão, 1950. p.21.

6 QUEIROZ, Eça de. *O Primo Basílio*. Porto: Lello & Irmão, 1950 . p. 6.

7 Ibidem. p. 9.

8 Ibidem. p. 556.

falaremos. Antes, porém, de para lá partirmos, é importante notar que *O Primo Basílio* também institui uma clivagem sexual das viagens possíveis: são apenas os homens que viajam. As mulheres é vedada essa possibilidade. Luísa, quando está sendo pressionada por Juliana, fala a seu primo: "Não posso ficar! [...] Não sinto um momento de descanso, enquanto estiver em Lisboa. Partimos hoje, sim? Se não podes, amanhã. Eu vou para algum hotel [...] Mas amanhã vamos. [...] Sim, dize que sim".⁹ A esse apelo desesperado, Basílio apenas responde: "Estás doída, Luísa, tu não estás em ti! Pode lá pensar em fugir? Era um escândalo atroz, éramos apanhados decerto, com a polícia, com os telégrafos! É impossivel! Fugir é bom nos romances!"¹⁰ Mas Basílio, em certo sentido, foge. É homem, tem o direito de ir e vir.

As mulheres sobrava apenas um outro tipo de fuga, a viagem através da literatura, em geral da que era considerada *baixa literatura*. Fuga perigosa. A Luísa que cederá a Basílio é a mesma que se *moldara* a ler romances:

Tornou a espreguiçar-se. E [...] foi buscar ao aparador por detrás duma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na voltaire, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

*Era a Dama das Camélias. Lia muitos romances, tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos 18 anos, entusiasmara-se por Walter-Scott e pela Escócia; desejava então viver num daqueles castelos escoceses, que tem sobre as ogivas os brasões da clan [...] Mas agora era o moderno que a cativava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades [...] e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes.*¹¹

A falsa Paris, antevista e desejada através dos romances, talvez tenha sido um dos motivos que a levou a apaixonar-se – se não seria melhor o termo *entusiasmar-se* – pelo falso parisiense Basílio de Brito.

E aqui, antes de chegarmos a *Os Maias*, ainda um desvio. Não podemos deixar de notar que os efeitos dessas perigosas viagens pelos desvãos da baixa literatura serão metaforizados no mais alegórico dos livros de Eça: *O Mandarin*. Entre os vários significados que poderiam ser atribuídos a essa obra, um seria o de que Teodoro tenta, através de uma viagem concreta, vencer uma culpa que foi, em parte, gerada pela leitura de um dos antigos *volumes desirmanados*, comprados na feira da ladra. A forma como descreve esses livros é bastante significativa:

*Eram sempre obras de títulos ponderosos: Galera da inocência, Espelho milagroso, Tristeza dos mal deserdados... O tipo venerando, o papel amarelado com picadas de traça, a grave encadernação freirática, a fitinha verde marcando a página encantavam-me.*¹²

9 Ibidem. p. 309

10 Ibidem. p. 309-10.

11 Ibidem. p.14. Os negritos são itálicos no original.

12 QUEIRÓS, Eça de. *O Mandarin*. Porto: Lello & Irmão, 1951. p. 24. Os negritos são itálicos no original.

Apesar da *encadernação freirática*, apesar dos livros darem a Teodoro uma pacificação e uma “sensação comparável à paz penetrante de uma velha cerca de mosteiro, na quebrada de um vale, por um fim suave de tarde, ouvindo o correr da água triste”¹³, será através de suas páginas que se manifestará o mal. Como sabemos foi ao ler “um capítulo intitulado *Brecha das almas*”¹⁴ de um desses volumes que encontrou o trecho em que era sugerido que tocasse a campainha, para matar, nos confins da China, um mandarim, que lhe deixaria a sua fortuna. Isso, mais a voz insinuante daquele indivíduo que nada tinha de fantástico – “tão contemporâneo”, dirá o protagonista, “tão regular, tão classe-média como se viesse da minha repartição”¹⁵ –, e que lhe diz “Vamos, [...] meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja um forte!”¹⁶, farão com que o amanuense Teodoro, esse novo e burguês Fausto, faça o pacto. O diabo, ficamos a saber, pode estar escondido nas páginas desses livros menores. E, depois do pacto, depois dessa viagem literária, de pouco adiantará a viagem concreta, para a China. O fantasma do Mandarim continuará a perseguir, implacável, o seu incauto matador.

Mas, além disso, a viagem de Teodoro – a sua viagem literária – tem uma outra importância no interior da obra de Eça: é a primeira viagem iniciática realizada por um de seus personagens. Outros virão, de forma mais concreta, a tocar a campainha. Outros farão a travessia necessária para transformar a viagem numa odisséia. Mas a isso voltaremos depois. Antes de lá chegarmos, é necessário parar um pouco no livro que é considerado por parte da crítica como a obra-prima de Eça: *Os Maias*.

Certamente esse é o livro de Eça em que mais se viaja. Do exílio do liberal Afonso da Maia, à fuga de seu neto para Paris quase no fim da narrativa, todo o livro é coalhado de deslocamentos. Além disso, o romance, como *O Primo Basílio*, está situado entre duas viagens: a inicial, que irá trazer Afonso e Carlos para o há muito inabitado Ramalhete, e a final, a de retorno de Carlos, após ter passado dez anos em Paris. Certamente, seria interessante mapear os vários trajetos dos personagens desse livro, mas isso exigiria um tempo e um cuidado muito maiores do que aqueles que podemos dispor para a confecção deste nosso panorâmico comentário. Assim, ater-me-ei a apontar uma única viagem, aquela que, como as duas de *O Primo Basílio*, e a viagem literária de Teodoro, está no cerne da narrativa deste livro. Referimo-nos, obviamente, à viagem de ida, e de regresso, do segmento feminino dessa família que, aparentemente, no início do livro, está “reduzida a dois varões”.¹⁷ Se em *O Primo Basílio* havíamos notado que as viagens, pelos menos as viagens reais, eram um privilégio dos homens, isso se modificará em *Os Maias*. Neste romance, uma mulher, diferentemente de Luísa, conseguirá fugir com seu amante: Maria Monforte, levando consigo sua filha. Mas, nesse mundo masculino, já sabemos as conseqüências dessa viagem: a filha, Maria Eduarda, voltará, desconhecendo sua origem, e acabará por se envolver com seu irmão,

13 Ibidem. p. 24-5.

14 Ibidem. p. 25.

15 Ibidem. p. 28.

16 Ibidem. p. 27-28.

17 QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. Porto: Lello & Irmão, 1945. v.1, p.7.

Carlos. O inevitável incesto, nessa narrativa em que curiosamente Maria Eduarda tem algo de Édipo, acabará por levar à morte Afonso, e por consumir a esterilidade do lado masculino da família. A nova geração dos Maias estará reduzida a Rosa, filha bastarda dessa personagem que termina a narrativa prestes a, em nova metamorfose, se transformar em Madame de Trelain. As várias máscaras dessas perigosas mulheres viajantes produzem, com certeza, a imagem de um mundo masculino ameaçado por um novo tipo de mulher que então começa a surgir, e que o mundo androcêntrico não conseguia entender ou controlar.

Fizemos, até aqui, um rápido passeio pelas viagens e pelos viajantes ecianos. Falamos de viagens masculinas e femininas, de viagens reais e de viagens de papel. Deixamos de lado, porém, quatro livros, se levarmos em consideração os romances publicados até 1901. Três deles em que as viagens têm os contornos de uma odisséia – *A Relíquia*, *A Cidade e as Serras* e *A Ilustre Casa de Ramires* –, e um quarto, em que estamos diante do maior viajante eciano: Fradique. Sendo *A Relíquia* um caso bastante complexo, de uma viagem no espaço e no tempo, de uma viagem real que gera outra viagem onírica, a deixaremos fora desses nossos breves comentários, centrando aqui nossa atenção nas outras três obras.

Em relação a Fradique, já em outro momento¹⁸ notei que esse personagem pode ser considerado não só como um heterônimo, mas provavelmente também como o símbolo de uma geração. Se pensarmos na distância que separa o Fradique das "Memórias" daquele das cartas, que nada tem da grande envergadura com que Eça apresentou o primeiro – lembremos aqui, por exemplo, como o autor da *Lapidárias* usa a sua grande inteligência para seduzir, amar e depois se descartar de Clara, sem que falte nesse episódio doses de cinismo e de hipocrisia¹⁹ – podemos considerar que talvez essa distância possa simbolizar justamente o imenso abismo que separou o que essa geração, a de setenta, esperava ser, daquilo em que, por fim, se transformou. Fradique talvez seja o símbolo desses intelectuais que se reuniam para almoços e jantares e que, mesmo sendo individualmente vencedores, se consideravam, com razão, *os vencidos da vida*.

Podemos assim entender que uma crítica feita a Fradique por Ramalho é, de fato, mais que isso:

– Você é um monstro Fradique! O que você queria era habitar o confortável Paris do meado do século XIX, e ter aqui, a dois dias de viagem, o Portugal do século XVIII, onde pudesse vir, como a um museu, regalar-se de pitoresco e de arcaísmo... Você lá na rua de Varennes, consolado de decência e ordem. E nós aqui, em vielas fedorentas, inundadas à noite pelos despejos de águas sujas [...].²⁰

18 As idéias aqui apresentadas foram desenvolvidas no ensaio "Fradique Mendes: Eça, a heteronímia e o vencidismo", que será publicado em *Veredas*, Porto, v.3 (no prelo).

19 Essa hipocrisia pode ser encontrada, por exemplo, na forma dúbia como Fradique se refere ao vestido que Clara estava usando no primeiro momento em que a viu. Enquanto para a sua futura amada, considera que o vestido, parte de uma imagem perfeita, era "preto com relevos cor de botão de ouro" (QUEIRÓS, Eça de. *A Correspondência de Fradique Mendes*, Porto, Lello & Irmão, 1946. p.195.), já havia dito para a Madame de Jouarre, em relação à mesma vestimenta, que não admirara "o vestido, preto, onde reinavam coisas escandalosamente amarelas" (Ibidem, p.141).

20 Ibidem. p.97-98.

O tema da viagem, aqui aparece de forma clara. Notemos que, além de Fradique, também Eça fazia as constantes viagens entre Paris, onde residia, e Lisboa. E se os demais membros da geração não moravam em Paris, podiam ao menos fazê-lo culturalmente, enquanto o povo, “um povo analfabeto, subalimentado, totalmente desprotegido, que ignorava tudo da cultura daqueles que o exploravam”,²¹ este sim habitava *vielas fedorentas*. Os companheiros de Eça, se não viajavam com a frequência deste, podiam ao menos fazer *viagens pelo papel*. Assim, Fradique talvez seja o símbolo do fracasso dessa geração, que tentou transformar o país, e acabou apenas gerando uma pequena França, traduzida em calão, para o consumo de alguns poucos. Uma pequena França em que bem poucos eram os que podiam ser viajantes.

Falta-nos, ainda, pensar em Jacinto e Gonçalo.²² Em relação ao último desses personagens, como sabemos, ele se recupera de sua covardia e falta de autoconfiança quando entra em contato com a força esquecida de sua raça, através do sonho em que os antepassados lhe entregam suas armas. É após essa restauração de características há muito inexistentes, que definiam a sua família durante o período das duas primeiras dinastias, que Gonçalo, num ímpeto decorrente de sua nova autoconfiança, parte para a África, abandonando uma cômoda cadeira de deputado, para conquistar os bens necessários para reconstruir sua casa. Como bem notaram João Medina e Paulo Franchetti²³, perpassa *A Ilustre casa de Ramires* uma oposição entre dois tradicionalismos: o que trilha as *formas usuais* para o Portugal de então, e que havia levado Gonçalo a uma cadeira de deputado, e o outro, mais essencial, que se transforma em ação, o único que, de fato, reata com a tradição, pois recupera no presente não um nome, mas o espírito que o gerou. Existem também duas viagens: uma *pela sua terra*, que leva Gonçalo de sua torre a Lisboa; outra, para além dessa terra, cruzando aqueles velhos mares tão presentes na cultura portuguesa, e que acaba por permitir que a torre possa ganhar um novo sentido no presente.

Mas, não devemos esquecer, a segunda viagem só foi possível após a dupla travessia que Gonçalo fez a seu passado. Uma delas, a primeira, literária: a lenta e penosa construção de sua novela. A outra, onírica: o sonho que teve com seus antepassados, momento em que estes, tendo partido de diferentes tempos, se encontram, no presente da narrativa, com seu último e acovardado descendente. Lembremos, aqui, como é descrito Gonçalo, pouco depois de ele ter, na manhã seguinte a esse sonho, açoitado o valentão de Nacejas:

E ia levado, galopando numa alegria tão fumegante, que o lançava em sonho e devaneio. Era como a sensação sublime de galopar pelas alturas,

21 FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993. p. 590.

22 As reflexões que se seguem sobre *A Ilustre Casa de Ramires*, “Civilização” e *As Cidades e as Serras* retomam e desenvolvem algumas idéias apresentadas no colóquio “Eça entre milênios: pontos de olhar”, ocorrido na PUC-Minas e patrocinado pelo Instituto Camões, e fazem parte do ensaio “Um país traduzido do francês em calão”, no prelo.

23 Cf. MEDINA, João. *Eça Político*. Lisboa: Seara Nova, 1974; FRANCHETTI, Paulo. Gonçalo Mendes Ramires e Oliveira Martins: reportuguesando Portugal. *150 anos com Eça de Queirós - Anais do III Encontro Internacional de Queirozianos*. São Paulo: Centros de Estudos Portugueses da USP, 1997.

*num corcel de lenda, crescido magnificamente, roçando as nuvens lustrosas... E por baixo, nas cidades, os homens reconheciam nele um verdadeiro Ramires, dos antigos na História, dos que derrubavam torres, dos que mudavam a configuração dos Reinos [...] E agora [Gonçalo] ali voltava, como um varão novo, soberbamente virilizado, liberto enfim da sombra que tão dolorosamente assombreada a sua vida, a sombra mole e torpe do seu medo! [...] Enfim era um homem!*²⁴

Essa cena acaba por se aproximar muito de uma outra, que apareceu oito anos antes na *Gazeta de Notícias*. Estamos aqui pensando no conto “Civilização”, publicado em 1892, texto em que o narrador faz o seguinte comentário sobre seu amigo Jacinto, quando, imaginando que esse personagem já havia retornado a Lisboa, acaba por reencontrá-lo ainda em Torges:

*Já mesmo [...] [eu] adormecera [...], quando me despertou um brado amigo. Era o nosso Jacinto. E imediatamente o comparei a uma planta, meio murcha e estiolada no escuro, que fora profusamente regada e revivera em pleno sol. Não corcovava. Sobre a sua palidez de supercivilizado, o ar da serra ou a reconciliação com a vida tinham espalhado um tom trigueiro e forte **que** o virilizava soberbamente. Dos olhos, que na cidade eu lhe conhecera sempre crepusculares, saltava agora um brilho de meio-dia, decidido e largo, que mergulhava francamente na beleza das cousas. Já não passava as mãos murchas sobre a face – batia com elas rijamente na coxa... Que sei eu?! Era uma reencarnação.*²⁵

Esse Jacinto *reencarnado*, como é natural, muito se aproxima daquele outro que, anos depois, surgirá nas páginas de *A Cidade e as Serras*. Sobre este Zé Fernandes dirá, ao reencontrá-lo em Tormes, que *não mais corcovava*, e que “Sobre a sua arrefecida palidez de super-civilizado, o ar montesino, ou a vida mais verdadeira, espalhará um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente”²⁶.

Nos três casos, personagens que ressuscitam, que se virilizam. Após os trechos citados, o primeiro Jacinto encontrará em Torges a felicidade que jamais teve no Jasmineiro, o segundo, após alguns percalços, encontrará felicidade semelhante em Tormes, onde acabará casando com uma Joanhinha mais ditosa que a de Garrett. Já Gonçalo será eleito deputado, acabará por ir para a África, de onde retornará, devemos notar, “mais bonito, e sobretudo mais homem”,²⁷ como o dirá a *prima* Maria Mendonça, pronto para reconstruir a sua casa e para realizar um vantajoso casamento.

Os moles Jacintos e o covarde Gonçalo se transformarão de forma radical. Os primeiros, por encontrarem no campo português uma vida que não supunham existir. O segundo, por ter recebido, num sonho ou numa aparição, as armas de todos os seus antepassados até o *poético* Paulo Ramires, que acompanhara D. Sebastião às areais de Alcácer Quibir.

24 QUEIRÓS, Eça de. *A Ilustre Casa de Ramires*. Porto: Lello & Irmão, 1951. Os grifos são nossos.

25 QUEIRÓS, Eça de. *Contos*. Porto: Lello & Irmão, 1951. Os grifos são nossos.

26 QUEIRÓS, Eça de. *A Cidade e as Serras*. Porto: Lello & Irmão, 1950. p.187-188.

27 QUEIRÓS, Eça de. *A Ilustre Casa de Ramires*. Porto: Lello & Irmão, 1951. p. 446.

Com o que acima dissemos, queremos sugerir que os Jacintos e Gonçalo são como faces distintas de uma mesma imagem. E que, em certo sentido, o campo português – ou o rito culinário que o introduz – e o sonho de Gonçalo possuem, estruturalmente, papéis semelhantes nas obras em que aparecem. Nos dois casos temos um Portugal ancestral que é recuperado, não enquanto um “acontecer-passado a regozar em êxtases de duvidosa plenitude”²⁸, mas enquanto um presente a gerar um futuro. O passado presentificado, é, nas três obras, *a aurora do futuro*. E de um futuro que se faz português.

Existe assim, nesses dois livros e no conto, a idéia de construir um Portugal que, sem se manter imutável, rompendo com “as várias formas de pseudopatriotismo [...] plasmadas nas figuras grotescas dos Brigadeiros Chagas, Pacheco e outros Acácios”²⁹, também não se transforme em uma pseudo-cópia da França. Logo, nessas obras, há uma saída possível. Mas saída só atingida por aqueles que viajam, que se deslocam para fora do seu mundo seguro. Parodiando Pessoa poderíamos dizer que só atingem esse estágio os insatisfeitos:

*Triste de quem vive em casa
contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer da asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!*³⁰

Também os dois livros e o conto que aqui analisamos podem ser considerados como epopéias. Já João Medina havia notado que a viagem de Jacinto a Tormes, em *A Cidade e as Serras*, pode ser considerada como uma Odisséia, e que

*Efetivamente, Jacinto não é outro senão Ulisses – figura que o último Eça particularmente afeiçoava, a ponto de lhe dedicar um longo conto – ‘A Perfeição’, publicado na Gazeta de Notícias, em 1897, portanto na fase em que redige ou já revê mesmo A Cidade e as Serras.*³¹

Podemos pensar que não só esse Jacinto, mas também o seu homônimo e Gonçalo são, de diferentes formas, Ulisses. E que eles acabam por fazer uma trajetória que, mais de meio século antes, já havia sido realizada pelo narrador de *Viagens na Minha Terra*. Em relação a esse livro, em um artigo incontornável, Helder Macedo afirmou:

Na verdade, a viagem registrada na obra [Viagens na Minha Terra] é uma “Odisséia” – com todas as conotações do percurso espiritual inerentes à épica – [...]. Como em toda a épica o viajante alcançou, no fim da jornada, um nível de conhecimento superior ao que era o seu quando a iniciou. E, dentro da mais pura tradição do humanismo cívico, [...] o valor supremo que está a ser exaltado na metáfora que o todo do

28 LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1978, p. 109. Lourenço está a se referir, nesse trecho, a uma visão equivocada que se teve sobre a poética de Teixeira de Pascoaes.

29 Ibidem. p.95.

30 PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 76.

31 MEDINA, João. *Eça Político*. Lisboa: Seara Nova, 1974. p. 149.

*livro constitui é a caritas patrie, o amor da Pátria, de cuja perspectiva [...] todos os opostos podem ser reconciliados.*³²

Todos os três personagens ecianos que acabamos de analisar – os dois Jacintos e Gonçalo – viajam, e as viagens, por mais diversas que sejam entre si, terminam por ser *Odisséias* não só por serem *retornos* – mesmo que seja um retorno de onde não se partiu, mas de onde partiram os antepassados – mas também por darem aos viajantes um nível de consciência que antes não possuíam. Os três, após a travessia, descobrem uma potência que antes não possuíam. Os três atingem uma felicidade que nunca tinham tido. E, como em *Viagens na Minha Terra*, o final dessa travessia tem um significado que não é apenas pessoal, mas nacional. Os três simbolizam formas diversas, mas complementares, de redescobrir Portugal.

Certamente ainda existiriam muitas rotas a seguir nas múltiplas viagens realizadas pelos livros de Eça. Pouco mais fiz aqui que apontar pistas de trilhas nesse imenso território ficcional que, ainda hoje, nos seduz e nos fascina.